O Altar

IR. LAIDE SONDA, PDDM, ARQUITETA

No número anterior da Revista, o artigo sobre espaço litúrgico abordou o tema "assembléia". Ficou claro que o espaço litúrgico não se define pelo tamanho, pela arquitetura ou pela decoração. A maneira, o jeito da comunidade se apropriar do espaço, a disposição do mesmo para as celebrações, são de certa forma os elementos definidores do espaço litúrgico. São as celebrações que determinam, que exigem certos arranjos espaciais (cf. SC 26).

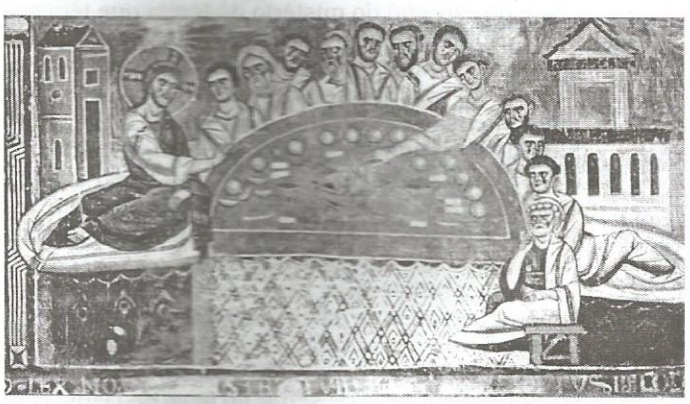
Para cada momento da celebração existem "pólos" celebrativos para os quais devem se orientar a atenção, o olhar, os gestos da comunidade. O pólo principal, central, que marca o espaço celebrativo é sem dúvida o altar.

Vamos agora considerar e ver um pouco da origem, da história do altar para entender como e por que ele é tão importante.

Etimologicamente, altar pode significar estrutura alta, do latim *altus*, como também alimentar ou nutrir, e do verbo *arere*, que significa queimar, arder. Em todas as religiões existem altares; pequenas estruturas de pedra, elevadas, sobre as quais se depositam oferendas, alimentos para a divindade. Em alguns casos estes também são usados para a imolação de vítimas. *É oportuno frisar que a função fundamental e única do altar e também da ara pagã está ligada ao aspecto principal do sacrifício, entendido não como imolação, mas oferta apresentada a Deus para ser consumida*[1]. A consumação das oferendas por parte da divindade se dá pela queima e, em alguns casos, quem oferece também toma parte através do comer, alimentando-se dos próprios dons.

O altar cristão se origina da mesa hebraica, ao redor da qual as famílias se reuniam para as refeições. Essas mesas de madeira, relativamente pequenas, recebiam os dons do pão e do vinho para a eucaristia. Assim, fica evidente que a eucaristia dos primeiros séculos possuía uma característica familiar, mesa posta para a refeição convivial, partilha, comunhão.

As mesas tinham a forma de sigma (ou ferradura de cavalo), reproduziam, segundo a tradição, a mesa da ceia de Jesus com os seus discípulos.

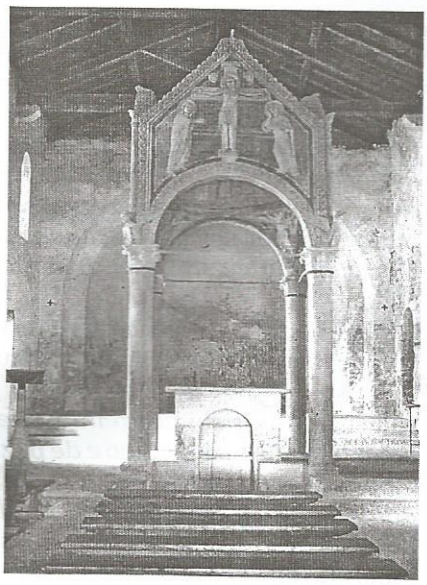


Altar semicircular. *Última Ceia*, afresco (séc. XI)
Capua, Sant'Angelo em Formis, Nave central

No século IV o altar passa a ser de pedra, por influência das religiões pagãs e pela referência bíblica dos altares dos patriarcas, Moisés, Abraão, Jacó etc. Materializou-se de certa forma o que Paulo diz na carta aos Coríntios: "*E a pedra era Cristo*" (1Cor 10,4). Essa afirmação se amplia a partir de outros textos bíblicos, como: Mt 21,42; 1Pe 2,4.

O altar cristão a partir de então passa a ser visto como a rocha da qual emana a água viva que é o próprio Cristo. Pouco a pouco os altares de madeira vão desaparecendo. O Concílio de Epaone na Borgonha em 517 e na Síria em 550 proíbem os altares de madeira, estabelecendo o uso da pedra. A liturgia Copta é a única que manteve os altares em madeira e que ainda hoje são consagrados com a unção, pelo Patriarca, na quinta-feira Santa.

Com o desenvolvimento do culto aos mártires, os altares passam a ser construídos sobre os túmulos deles e aos poucos se firma a tradi-



Altar em pedra e cibório (séc. XI) Basílica de São Pedro no Monte em Civate

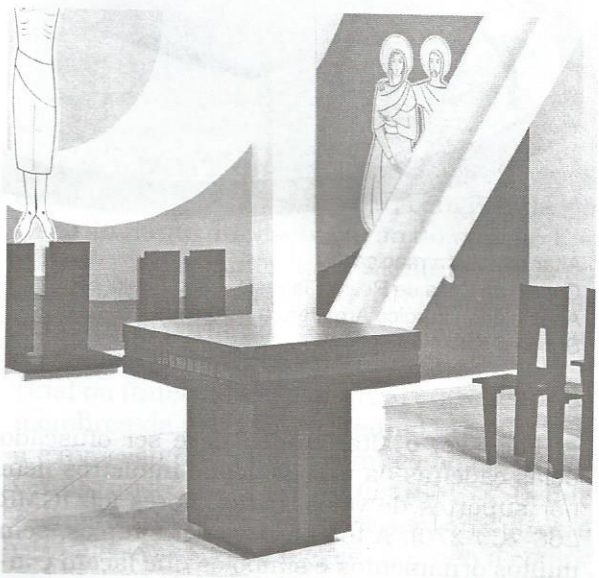
ção de colocar debaixo do altar ou no próprio altar algum objeto ou parte do corpo do mártir (as relíquias). Com o Concílio de Nicéia (787), essa prática é assumida pela Igreja, mostrando o desejo de associar o sacrifício dos mártires ao sacrifício de Cristo (cf. Cl 1,24). *O altar sepulcro testemunha uma concepção teológica que vê na eucaristia, além do sacrifício de Cristo, que é princípio e fonte, o sacrifício da Igreja que oferecendo o Cristo aprende a oferecer-se a si mesma.*[2]

Como no Oriente, também no ocidente, até por volta do VI século havia um único altar nas Igrejas. Com as peregrinações aos túmulos dos mártires e o crescente número de presbíteros, a multiplicação das missas privadas e uma série de outros motivos, os altares começam se multiplicar.

O culto aos santos se torna cada vez mais forte e, a partir do século IX, as relíquias são colocadas no próprio altar, numa urna, e a mesa da eucaristia é adornada com retábulos ou frontispícios que retratam o Cristo, a Virgem e os santos. O altar perde a característica de mesa e torna-se suporte ou pedestal de urna com as relíquias ou a imagem do santo. Ele deixa de ocupar o lugar central da igreja, próximo aos fiéis, sendo deslocado para o fundo da abside, encostado na parede. O presbítero celebra de costas para o povo. A comunidade, povo sacerdotal, cede lugar a uma espiritualidade eminentemente clerical que vê no presbítero o "*alter Christus*" mediador entre Deus e o povo.

No século XVI aparece um elemento novo. O sacrário é colocado sobre o altar, assumindo a forma de um pequeno templo, ou monumento fúnebre, rodeado por relicários de santos. Esse tipo de altar é a tradução arquitetônica da visão teológica que afirma a presença real e permanente do corpo de Cristo na eucaristia, reivindicando de forma unilateral o valor sacrifical, colocando na sombra o caráter convivial da celebração, realçando o aspecto da adoração.

O Concílio Vaticano II nas diversas constituições, sobretudo *Sacrossanctum Concilium*, *Lúmen Gentium*, nos documentos *Eucharisticum Mysterium*, *Inter Oecumenici* e na *Instrução geral do missal romano*, restitui à Eucaristia o seu caráter de "banquete memorial" da Páscoa de Cristo. O altar por sua vez retoma arquitetonicamente a forma mais parecida com mesa e lhe é restituído o lugar mais central no espaço de celebração (cf. *Inter Oecumenici* n. 91), ao redor do qual a família dos filhos e filhas de Deus se reúne.



Altar em madeira com detalhe em cerâmica
Capela do Colégio São Paulo da Cruz - São Paulo/ SP
Apostolado Litúrgico Arquitetura (Arquitetas: Ir. Laide Sonda e Rafaela Asprino)

No ritual de dedicação da igreja é interessante notar que o altar é a peça que recebe maior atenção e veneração. Ele é aspergido com água – depois da aspersão sobre a assembléia e as paredes do templo – evocando o batismo. Ele é ungido com o Crisma, tornando-se símbolo de Cristo, o ungido do Pai, que se entrega para a vida do mundo. Queima-se sobre ele o incenso, sinal da oferta do Cristo que sobe a Deus como perfume levando consigo as orações do Povo de Deus e a oferta de cada um de nós. A toalha, como fazemos em nossas festas, expressa a dignidade do altar e a dimensão festiva da reunião em torno dele. O altar é iluminado para lembrar que Cristo é a luz que ilumina a Igreja e a humanidade.

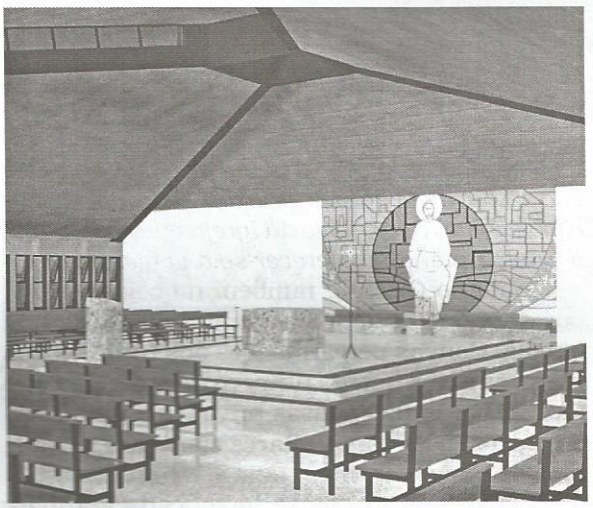
Altar em pedra maciça
Capela da Casa de Retiros Tagaste – São Paulo/ SP
Apostolado Litúrgico Arquitetura (Arquitetas: Ir. Laide Sonda e Rafaela Asprino)

Por isso, o altar nunca deve ser ofuscado pelas cadeiras da presidência e ministros nem por suportes de velas, livros, flores (cf. IGMR 268-269-270). A toalha deve ser simples, sem muitos ornamentos e símbolos que façam concorrência com o símbolo maior, o altar, e os próprios dons que são depositados sobre ele, o pão e o vinho.

Quanto ao formato, é de antiga tradição o quadrado, que expressa o caráter de centralidade não só no espaço-igreja, mas também no cosmos, conforme expressa Simeão de Tessalônica: *a mesa é quadrada porque dela se nutrem e sempre se nutrirão os quatro cantos do universo* ... A forma retangular apareceu quando se desenvolveu o culto aos santos e o altar passou a receber os corpos dos mesmos. Vincenzo Gatti diz: *A forma retangular, também se de pequenas proporções, sempre cria psicologicamente uma barreira... orientando as pessoas para um ponto que não é convergente e ao mesmo tempo fonte emanante, como propôs o espírito da reforma.*[3] Apesar dessa constatação, dependendo das situações, podemos usar a forma retangular que nos remete às mesas das nossas casas.

A mesa não precisa ser muito grande, mas é fundamental que seja de material nobre, natural, como a madeira, por exemplo, sobretudo quando utilizada maciça, aparelhada. Menos recomendável são os compensados folhados. *A matéria por si mesma está grávida da forma (Merleau-Ponty). Daí o caráter espúrio e inartístico que apresenta toda adulteração dos materiais, por ser um atentado contra o direito de a matéria mostrar seu poder expressivo peculiar.*[4]

Que os altares das nossas igrejas possam ser, de fato, aquilo que rezamos no ritual de dedicação: *Seja o altar a mesa festiva, para onde os convivas de Cristo acorrem alegres* (...). *Seja o lugar de íntima comunhão e de paz convosco (...). Seja fonte de unidade da Igreja e de concórdia dos irmãos(...). Seja o centro do nosso louvor e da ação de graças, até chegarmos jubilosos aos tabernáculos eternos.*[5]



Projeto para construção da igreja da Comunidade São Francisco Xavier – Hortolândia/ SP
Apostolado Litúrgico Arquitetura
(Arquitetas: Ir. Laide Sonda, Rafaela Asprino e Bruna Tristão)

---

[1] GATTI, Vincenzo. *Liturgia e arte: i luoghi della celebrazione*. Bologna: EDB, 2001. p. 114.
[2] SORCI, Pietro. In: Vários autores, *Gli spazi della celebrazione rituale*.
[3] GATTI, Vincenzo. *Liturgia e arte: i luoghi della celebrazione*. Bologna: EDB, 2001. p. 130.
[4] QUINTÀS, Alfonso López. *Estética*. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 101.
[5] Ritual de dedicação do altar. In: *Ritual da dedicação da Igreja e do altar*. São Paulo: Paulinas, 1984, nº 48, p. 83.